

Professores e Trabalhadores: memórias docentes sobre o Curso de História da FAFIN/FFCL (atual UFRN)

Teachers and Workers: teaching memories about the History Course at FAFIN/FFCL (current UFRN)

Clivya da Silveira Nobre,¹ UFRN

Resumo

O objetivo deste artigo foi investigar de que maneira um grupo de professores aposentados do Curso de História da Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN), posteriormente chamada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), construiu representações da formação ofertada no Curso e das condições do trabalho docente, no período anterior à incorporação do Curso à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 1968. Para isso, foram analisadas entrevistas feitas com os docentes da primeira e segunda gerações, em 2006 e em 2018. Foram mobilizados os conceitos de Trabalho (LEFEBVRE, 2013), Geração (SIRINELLI, 1986), Fonte Oral (PORTELLI, 2016) e Memória (NORA, 1993). Foi utilizada a metodologia de análise de fontes orais. Foi notável a influência nesse processo do objetivo de atender demandas do tempo presente da produção das fontes orais, pela circunstância comemorativa dos momentos (efemérides dos 50 e 60 anos do Curso).

Palavras-chave: História do Ensino Superior de História; UFRN; Memória; História Oral; Trabalho.

Abstract

The objective of this article was to investigate how a group of retired professors from the Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN) History course, later called Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), constructed representations of the training offered in the course and the conditions of teaching work, in the period prior to the incorporation of the course to Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), in 1968. For this, interviews with teachers of the first and second generations were analyzed, in 2006 and in 2018. The concepts of Work (LEFEBVRE, 2013), Generation (SIRINELLI, 1986), Oral Source (PORTELLI, 2016) and Memory (NORA, 1993) were mobilized. The methodology of analysis of oral sources was used. The influence in this process of the objective of meeting the demands of the present time of the production of oral sources was remarkable, due to the commemorative circumstances of the moments (ephemeris of the 50th and 60th anniversary of the course).

Keywords: History of Higher Education of History; UFRN; Memory; Oral History; Work.

Introdução

O professor é um trabalhador, e como tal, precisa de uma formação adequada e acessível e isto é uma conquista da classe trabalhadora docente. Discussões sobre a necessidade da educação básica estar ao alcance da população como um todo para que a nação

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), bolsista CAPES. Licenciada em História pela UFRN.

brasileira fosse cidadã e democrática remontam ao Brasil Imperial,² porém isto só se tornou lei em 1934³. A partir deste momento, o ensino básico passou por uma expansão, acompanhada do crescimento da categoria dos professores. Mas, como ter especialistas em disciplinas como História, Geografia, Letras, se existiam poucos Cursos superiores nestas áreas, no país⁴? Diante desta inquietação, os integrantes da Associação dos Professores do Rio Grande do Norte (APRN) tomaram a iniciativa de fundar a Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN), em 1956 (Ata da sessão solene..., 1956), com os primeiros Cursos de História, Geografia e Letras Neolatinas do Rio Grande do Norte. A própria APRN teve como objetivo o “elevamento [sic] moral e profissional da muito nobre classe a que pertence [a classe dos professores]” (LIMA, 1921, p. 10), objetivo que também permeou a fundação da FAFIN. Mas, como toda conquista social, a formação de professores no estado não estava garantida.

Em 1960, a FAFIN passou a ser administrada por outra instituição, a Fundação José Augusto, e foi chamada de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal (FFCL). Até ser integrada à já existente Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 1968, a FFCL passou por dificuldades financeiras, superadas a partir dos esforços de seus alunos, professores e funcionários⁵. Portanto, o recorte temporal selecionado para a análise visa identificar as especificidades deste período para a história do ensino superior de História no Rio Grande do Norte. O Curso de História que foi da FAFIN e da FFCL, e que hoje está atrelado à UFRN,⁶ ainda existe em 2023, após 65 anos do início de suas atividades. Em 2006

² Ao longo do período do Império e da Primeira República, a elite intelectual brasileira dedicou-se a repensar estratégias para a construção e consolidação da identidade nacional, dentre as quais a instrução pública e o ensino de História se destacaram. Manoel Bomfim (GONTIJO, 2001), Esmeralda Masson de Azevedo (SANTOS, 2017), Rui Barbosa (LOURENÇO FILHO, 2001) e Américo Brasiliense (REIS, 2013) foram alguns dos pensadores que discutiram estas questões. Nestas circunstâncias, os intelectuais consideraram a popularização da educação e do letramento a principal maneira de garantir a cidadania e a integração dos grupos sociais populares à nação democrática e progressista. Este processo se intensificou nas décadas de 1920 e 1930, para atender a demanda por qualificação dos trabalhadores. Neste período, ocorreram profundas transformações sociais, econômicas e culturais, que provocaram maior urbanização, industrialização, e o crescimento da classe média urbana, composta principalmente por profissionais liberais (FERREIRA; PINTO, 2006, p. 1-2).

³ De acordo com a Constituição de 1934, art. 149: “A educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana.” (BRASIL, 1934).

⁴ Foi só a partir da década de 1930, que ocorreu a fundação dos primeiros cursos superiores exclusivamente dedicados à História no Brasil, entre eles os da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP (FFCL-USP), em 1934, da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi-UB), em 1939, e da Faculdade de Filosofia de Recife, a FAFIRE, em 1940 (atualmente incorporada à UFPE), com o objetivo de formar professores para atender a demanda da expansão da educação.

⁵ De acordo com (LIMA, 2002, p. 20-21) e (MEDEIROS, 1987, p. 18), este processo foi de tensões entre os interesses defendidos pela elite política e intelectual local, que administrava a FFCL, e os dos funcionários e alunos, favoráveis à federalização.

⁶ Para maior fluidez da leitura, a partir daqui, o curso de História em análise será referido a partir do nome da instituição ao qual estava atrelado no período. Por exemplo, se estiver sendo discutido o curso entre 1957 e 1960,

e em 2018, nas datas em que foram comemorados os 50 e 60 anos de sua existência, foram produzidas, transcritas e arquivadas, de maneira institucional, entrevistas com alguns professores que atuaram ou que foram formados no Curso de História naquele período anterior à federalização.

Deste modo, o objetivo do presente artigo é analisar as entrevistas de três destes profissionais, João Wilson Mendes Melo, Alberto Pinheiro de Medeiros, e Cláudio Augusto Pinto Galvão, para identificar de que maneira elas apresentaram representações da formação ofertada no Curso de História e as condições de trabalho de seu corpo docente, no período anterior à federalização (1956-1968)⁷.

Os Entrevistados

Ao todo, foram feitas, com professores, seis entrevistas em 2006, e oito entrevistas, em 2018. Por meio dos dados identificados neste material, os entrevistados foram categorizados em gerações, de acordo com as datas de ingresso no corpo docente do Curso de História, de aposentadoria, assim como os anos em que alguns deles foram estudantes neste espaço de ensino. De acordo com o teórico Jean-François Sirinelli, os intelectuais podem se relacionar com mais facilidade com os sujeitos que têm similaridades em sua trajetória, como idades próximas ou vivências em comum, e estes grupos, ou gerações, se relacionam com outros que os antecederam ou sucederam, seja por meio da influência ou da ruptura. Ele orientou que o mapeamento destas relações pode ser uma estratégia de investigação da memória e identidade compartilhadas pelos indivíduos (SIRINELLI, 2003, p. 254-255).

De acordo com esta definição, é possível afirmar que o corpo docente do Curso de História teve três gerações: a dos professores precursores, ou primeira geração, composta pelos intelectuais que iniciaram o Curso; a da segunda geração, cujos integrantes foram os alunos formados pelo Curso em questão, a partir de 1960, que retornaram como docentes; e a terceira geração, de ingressantes na docência universitária ao longo da década de 1970, após a federalização da FFCL. Após estas três gerações, os professores que passaram a compor os quadros do Curso de História tiveram origens e trajetórias profissionais e de formação muito distintas, por isso não compõem gerações como as anteriores, de acordo com a definição de Sirinelli. Os entrevistados em 2006 e 2018 pertenciam às três primeiras gerações do Curso.

será chamado curso de História da FAFIN, se for sobre o período entre 1960 e 1968, será curso da FFCL, e, de 1968 em diante, curso de História da UFRN.

⁷ Dentre as demais entrevistas feitas em 2006 e 2018, aquelas que contemplaram a perspectiva destes três professores citados foram as que melhor representaram a história do Curso no período anterior a sua incorporação à UFRN, pois os demais entrevistados, de modo geral, ingressaram no corpo docente após este período. Isto justifica a escolha dos três registros selecionados para a presente análise.

No Quadro 1 foram sistematizados os dados sobre os docentes e as entrevistas feitas com eles, como seus nomes, quais foram formados pelo Curso de História em questão, período de suas passagens no espaço de ensino como alunos e como professores, e as datas das entrevistas.

Quadro 1. Dados sobre os docentes do Curso de História da FAFIN/FFCL/UFRN entrevistados em 2006 e 2018, nas iniciativas institucionais dos 50 e 60 anos do Curso (em 2006 e 2018, respectivamente)

Docente	Formação superior	Período de estudante no Curso de História	Período de docência no Curso de História	Geração	Data das entrevistas dadas
João Wilson Mendes Melo	Direito	Não se aplica	1957 - 1987	Primeira	Uma entrevista em 2006
Mariza Moura de Miranda	História	1960 - 1963	1963 - 1989	Segunda	Uma entrevista em 2018
Alberto Pinheiro de Medeiros	História	1958 - 1960	1965 – 1988	Segunda	Duas entrevistas em 2006
Cláudio Augusto Pinto Galvão	História	1959 - 1962	1963 – 1998	Segunda	Uma entrevista em 2018
Marlene da Silva Mariz	História	1969 - 1972	1976 – 1995	Terceira	Uma entrevista em 2006 e outra em 2018
Wicliffe Andrade da Costa	História	1970 - 1973	1976 - atualidade (2023)	Terceira	Uma entrevista em 2006 e outra em 2018
Maria Ferdinanda Silveira Soriano da Cruz	História	1968 - 1970	1976 – 2010	Terceira	Uma entrevista em 2006
Márcia Maria Lemos de Souza	História	1970 - 1973	1976 – 1996	Terceira	Uma entrevista em 2018
Maria Leneide Câmara de Oliveira	História	1970 - 1973	1976 – 1991	Terceira	Uma entrevista em 2018
Francisca Aurinete Girão Barreto da Silva	Biblioteconomia	Não se aplica	1976 - atualidade (2023)	Terceira	Uma entrevista em 2006 e outra em 2018
Fausto Pinheiro Neto	Ciências Econômicas	Não se aplica	1974 – 1997	Terceira	Uma entrevista em 2018

Fonte: quadro produzido pela autoria, de acordo com os dados encontrados no DVD 50 anos de História e no acervo do LABHO-UFRN.

Através do Quadro 1, é possível notar que João Wilson Melo foi o único professor da primeira geração a ser entrevistado, deste modo, ele apresentou um ponto de vista único, o de um fundador do FAFIN, que participou ativamente do início de sua estruturação. Já os professores Alberto Medeiros, Cláudio Galvão e Mariza Miranda foram os únicos da segunda geração, ou seja, que compartilharam a experiência de estudar e lecionar no Curso de História antes do processo de mudança para a administração federal. Porém, a entrevista de Mariza Miranda não contemplou os aspectos analisados no presente artigo, as características do ensino no Curso antes de 1968, pois priorizou outros temas, portanto, não foi incluída na presente investigação. Para o objetivo do artigo, foram selecionados os registros orais de João Wilson Mendes Melo, de Alberto Pinheiro de Medeiros e de Cláudio Augusto Pinto Galvão.

A primeira geração de professores se caracterizou pela formação na área do Direito de seus integrantes, assim como o envolvimento deles na estruturação da FAFIN, e o perfil profissional de autodidata. Estes são os intelectuais que mobilizaram as ferramentas do método histórico, para produção de historiografia escrita e/ou ensinada, e que não tiveram formação superior específica na área de História. Antes mesmo da fundação das faculdades de filosofia no Brasil, existiram estudiosos que

Construíam seus textos políticos recorrendo a fontes e metodologias diversificadas (arquivos privados, material iconográfico etc.) e, principalmente, contextualizavam a questão que examinavam na vida socioeconômica do país, da região, da cidade (GOMES, 1996b, p. 61).

Até a consolidação do ensino superior das ciências humanas no Brasil, os limites entre as áreas das chamadas “humanidades” ainda não eram muito definidos, era comum que os intelectuais atuassem simultaneamente em áreas como História, Geografia, na escrita literária e jornalística, por exemplo (GOMES, 1996a). Ao produzir historiografia, eles utilizavam os critérios da objetividade e do compromisso com as fontes documentais, e desta forma, puderam ser considerados historiadores (GOMES, 1996a).

A partir de 1960, com a formatura dos primeiros alunos, o Rio Grande do Norte passou a ter historiadores universitários formados localmente. Naquele período, como já dito, a FAFIN mudou de nomenclatura, ao ser chamada FFCL, sob a administração da Fundação José Augusto (GALVÃO, 2018, p. 4). A partir de então, ocorreu a criação de novas cátedras,⁸ e estas novas vagas possibilitaram que ex-alunos pudessem ingressar na docência universitária. Trata-se da *segunda geração*, unida por semelhanças de idade (nascidos na década de 1930), de experiência profissional (já tinham carreira no magistério básico) e de

⁸ De acordo com: (GALVÃO, 2018, p. 4), (MELO, 2006, p. 3-4) e (LIMA, 2002, p. 25).

formação (se graduaram em História na mesma instituição e no mesmo período, e também atuaram no ensino superior ao mesmo tempo).

Os fatos históricos afetam os sujeitos de diferentes idades de maneiras diferentes, com maior ou menor impacto, o que pode criar diferentes gerações atreladas à solidariedade de idade (SIRINELLI, 1987, p. 107). Nesse caso, os aspectos políticos e sociais que permearam as experiências dos docentes os influenciaram de maneiras diferentes de acordo com variáveis, se eram graduandos ou professores da graduação, por exemplo. Os entrevistados da segunda geração foram docentes juntos durante parte da década de 1960, e ao longo das décadas de 1970 e 1980. Desse modo, enfrentaram de maneira conjunta as diferentes demandas políticas, acadêmicas e governamentais que recaíram sobre os docentes do nestas três décadas. Todas estas vivências comuns foram características que distinguiram estes professores num recorte geracional, diferenciando seus olhares sobre a memória do Curso dos pontos de vista assumidos pelas demais gerações.

O ensino no Curso de História da FAFIN/FFCL pelas narrativas orais docentes: João Wilson Melo

João Wilson Melo foi um dos entrevistados em 2006 que integrava a primeira geração. Ao construir uma narrativa sobre si, Melo enfatizou sua busca por garantir um ensino de História baseado na interpretação, no diálogo e na crítica histórica. Ele afirmou: “Aperfeiçoei-me através do estudo de didática para que não realizasse aquela aula discursiva como se fazia antigamente, mas fizesse uma aula prática, uma aula que transmitisse conhecimento e que servisse para a formação dos alunos” (MELO, 2006, p. 2). Além disso, o professor atribuiu à influência da corrente historiográfica da Escola dos Annales a sua opção por privilegiar em suas aulas o ensino sobre o legado cultural dos diversos povos mais do que a memorização de fatos, nomes e datas ligados à história política. Quando questionado se os demais professores do Curso também tinham intenções semelhantes em suas aulas, Melo afirmou: “Algumas das outras disciplinas de História seguiram essa corrente francesa. [...] Para muitos professores, sim. A disciplina Introdução deu essa noção geral. Os novos professores licenciados já saíram com essa noção nova de história” (MELO, 2006, p. 11-12).

Diante desta afirmação foi notável que este professor precursor buscou construir uma representação do Curso, que ajudou a estruturar, como um espaço de formação ligado às mais atualizadas concepções históricas, e que esta perspectiva não se restringia a iniciativa dele. Provavelmente ele estava se referindo aos professores da segunda e terceira gerações, que foram seus alunos, e não aos seus colegas precursores. Entretanto, ao responder a questão

sobre o ensino naquele espaço de ensino como um todo, Melo optou por apontar esta perspectiva como um aspecto geral. Desse modo, é compreensível que Melo buscou produzir uma representação do espaço institucional do Curso de História no qual o ensino crítico e significativo era uma prioridade, através do relato que ele fez sobre o próprio trabalho.

As narrativas orais do Professor Alberto Medeiros

Dentre os entrevistados em 2006, o representante da segunda geração foi Alberto Pinheiro de Medeiros, e a descrição feita por ele do Curso de História da FAFIN/FFCL apresentou opinião negativa sobre a presença de professores no ensino superior de História sem formação específica na área. Ao contar uma situação em que dividiu com um bacharel em Direito o ensino de História da América, em 1965, Medeiros se posicionou da seguinte maneira:

A disciplina foi dividida em História da América I e II, eu fiquei com uma e a outra foi dada a um advogado, que não tinha feito História nem nada, a minha vantagem foi essa. Ele estava ali para depois ser transferido para a faculdade de Direito, fiquei revoltado e os alunos também, ele não aguentou e teve que sair. Deram logo a transferência dele para faculdade de Direito, por que podiam ter colocado outro, licenciado em História, pois existia (MEDEIROS, 2006a, p. 8).

Ao opinar sobre esta ocasião, Medeiros centrou sua crítica no fato de que naquele ano, em 1965, já havia graduados em História no estado, formados pelo Curso da UFRN, buscando espaço no mercado de trabalho, e que poderiam ocupar aquela vaga. Porém, ao se referir aos professores da geração dos precursores, dos quais ele foi aluno, ele analisou a falta de formação na área de atuação de outra maneira: “[No momento da fundação] não havia faculdade de História, logo não havia ninguém licenciado em história, então eles aproveitaram quem? Advogados. Todos eram advogados” (MEDEIROS, 2006a, p. 9).

Deste modo, foi possível notar que Medeiros considerou justificável a presença de advogados como docentes de História no ensino superior dentro do contexto da fundação do Curso, quando ingressaram os precursores. Ele entendeu a escassez de profissionais formados na área no Rio Grande do Norte como sintoma da falta de um espaço de ensino superior de História naquele momento, logo, inaugurar a graduação em História foi uma etapa fundamental para a resolução deste problema, mesmo que, para isso, inicialmente, os docentes desta graduação fossem advogados.

Quando questionado sobre sua formação acadêmica, Medeiros atribuiu a sua própria iniciativa a origem dos conhecimentos e habilidades aprendidas e desenvolvidas ao longo de sua carreira na docência. Ele afirmou:

Quando fiz o curso as disciplinas eram muito restritas, acredito que minha formação mesmo foi fora da faculdade, pesquisando, sempre gostei de ler e quando passei a ensinar... Acredito que minha formação se deu principalmente devido à leitura, à pesquisa fora do curso que eu fiz (MEDEIROS, 2006a, p. 6).

Ou seja, o professor demonstrou ter ciência de que a formação promovida pelo Curso de História em seu tempo de aluno, naqueles três primeiros anos após a fundação, não era mais considerada a ideal no momento presente da entrevista, em 2006. Isto é compreensível ao considerar que, até 1960, o currículo era composto por apenas quatro cátedras (LIMA, 2002, p. 25). Para se afirmar como um profissional qualificado, mesmo diante das limitações de sua formação regular, ele destacou seu esforço para complementar seus estudos mesmo depois de formado, por meio de estudos por conta própria.

No período em que Alberto Medeiros graduou-se, todos os professores do eram da primeira geração, logo, quando ele descreveu o ensino de seu ponto de vista de antigo aluno, ele se referiu à prática docente dos professores precursores. Quando questionado sobre o engajamento político dos estudantes nos momentos em que ele era graduando, Medeiros explicou o pouco envolvimento político do corpo discente no geral pelo posicionamento político dos professores: “A influência dos professores era para a direita e isso influenciava os alunos. Eu quando assumi a cadeira de história da América [...] nunca influenciei a posição política dos alunos” (MEDEIROS, 2006b, p. 12). Desta forma, de modo geral, Medeiros caracterizou os professores precursores como conservadores. Além disso, fez uma comparação entre a própria prática docente com a dos professores da primeira geração. Logo após apontar a influência política de seus mestres, Medeiros enfatizou que na sua própria atuação no ensino seu comportamento era o oposto, sempre respeitando a liberdade de escolha política de seus alunos.

Apesar disso, Alberto Medeiros teve o cuidado de evidenciar que existiam exceções entre os professores precursores, quanto ao posicionamento político. Ao se referir a campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, voltada para o combate ao analfabetismo em Natal e para a popularização da educação, Medeiros contou:

Fui para lá a convite do meu professor de História da América, Professor Moacyr de Góes. [...] Esta Campanha foi uma frente com o Professor

Moacyr de Góes, que foi o secretário de educação. Uma linha de frente marxista, católica e dos evangélicos (MEDEIROS, 2006b, p. 15; 27).

Ao recordar uma iniciativa que considerou progressista, e encabeçada por um os professores da primeira geração, Medeiros construiu uma representação do Curso e de seus professores marcada pela complexidade, na qual, apesar da predominância do conservadorismo, também tinham exceções, como no caso de Moacyr Góes e sua iniciativa progressista de popularização do ensino.

Outro aspecto que Alberto Medeiros apontou no perfil docente do período inicial foi a severidade nas relações com os alunos. Para exemplificar isto, ele trouxe à entrevista um relato de uma experiência que vivenciou com o professor Hélio Dantas, descrito por professores de diferentes gerações de forma similar, como um professor rígido. Medeiros contou:

Eu ensinava no Ateneu e depois ia assistir à aula dele [de Hélio Dantas], nisso eu estava de terno, correndo, quando eu entrei na sala de aula, suado, eu tirei o terno, então ele me repreendeu: “Saia, vista o terno, peça licença e depois volte” e depois me pediu desculpa, mas era a época. Depois se transformou num grande amigo, homem de uma cultura extraordinária (MEDEIROS, 2006a, p. 8-9).

Neste relato, Medeiros descreveu Dantas como um professor pouco flexível quanto ao cumprimento das regras de vestimenta e de comportamento do alunado, e este fato não foi apontado com tom de crítica negativa, mas de compreensão, visto que o entrevistado destacou que esta característica nas relações em sala de aula “era a época”, ou seja, eram comuns e naturalizadas no período rememorado. Houve uma preocupação em explicitar as especificidades do perfil docente esperado no período de atuação da primeira geração.

Além disso, ao relatar que Hélio Dantas logo em seguida se desculpou, e que no decorrer dos anos se tornaram amigos, Alberto Medeiros não posicionou o colega como um antagonista em sua narrativa, como alguém com quem tivesse uma relação de alteridade. Pelo contrário, ele aproximou de si a figura do professor precursor, ele o apresentou como alguém com quem compartilhava uma identidade comum. Isto também se verificou em outras entrevistas de professores da segunda geração, graduados antes das transformações da Reforma Universitária e da federalização do Curso, e que tiveram uma formação mais parecida com a do grupo da primeira geração.

Apesar disto, a descrição feita por Alberto Medeiros da própria prática docente privilegiou a flexibilidade e o diálogo na relação com os discentes, o que pode ter contrastado com a maneira como ele retratou aquele que foi seu professor. Nos dizeres do intelectual:

Vocês aprendam isso quando estiverem ensinando, a ver o nível da turma. E outra coisa, a conversar com o aluno... Lá em Pedra Grande, a primeira prova que apliquei, um texto para ser interpretado, uma aluna chegou e disse: “professor, vou entregar, não estou entendendo nada”, porque é difícil, viu? Aluno do interior. Então eu disse: “não, você não vai entregar, não, vai fazer a prova. Leia a primeira vez, leia a segunda, leia a terceira, depois de você entender o texto você vai responder. Porque as respostas estão todas aí”, ela tirou um sete... (MEDEIROS, 2006a, p. 10-11).

Em tom de aconselhamento, Medeiros fez da vivência narrada um exemplo para seus entrevistadores, professores em formação. Diante da dificuldade de uma aluna em analisar o texto base da avaliação, o professor foi paciente, compreensivo, e por meio do diálogo e da aproximação com a discente, conseguiu atingir o objetivo de auxiliar no seu bom desempenho na prova, de acordo com a representação de si construída pelo entrevistado. Esta imagem contrastou com a impressão deixada pela descrição do rigor de Hélio Dantas, de que o precursor era mais distante do corpo discente. O contraste e a sutil comparação entre a prática docente do narrador e a de indivíduos da primeira geração foi uma característica identificável em outras entrevistas de sujeitos da segunda geração e das gerações seguintes.⁹ Provavelmente, esta comparação foi uma estratégia para enfatizar a própria qualidade do ensino promovido pelos entrevistados em sua trajetória docente no Curso de História.

Um dos usos da memória é construir a identidade de grupos do presente através da alteridade entre suas características e a de outro mais antigo, “dado como radicalmente outro” e “concebível num regime de descontinuidade” (NORA, 1993, p. 18), ou seja, isolando as experiências anteriores no passado e estabelecendo com elas uma relação de alteridade. Nesse caso, quanto mais “exótico”, “diferente” e “ultrapassado” se representa as vivências e os grupos mais antigos, mais forte é a mensagem de que houve uma “evolução”, uma mudança para melhor, dos sujeitos do presente, que estão mobilizando a memória, em contraste com o que foi rememorado, os sujeitos do passado. Desse modo, a identidade constituída através destes processos se constrói por meio da comparação com o passado diferente de si.

No caso de Medeiros, o jogo entre alteridade e identidade foi marcado por ambiguidades. Se, por um lado, ele falava dos professores da primeira geração como profissionais com os quais tinha proximidade, também destacou aspectos nos quais a própria prática docente poderia ser considerada superior, como na questão do diálogo com os alunos e a flexibilidade.

⁹ Em (NOBRE, 2022) foi aprofundada a discussão sobre a relação entre os professores da terceira geração e os precursores.

As narrativas orais do Professor Cláudio Galvão

Cláudio Galvão foi um dos professores da segunda geração, entrevistado em 2018. A maneira como ele construiu, através de suas memórias, uma representação do Curso de História no período em que foi graduando e professor, teve elementos que caracterizaram o olhar que a segunda geração tinha sobre os precursores, assim como a entrevista de Alberto Medeiros. A maneira como o entrevistado descreveu os professores da primeira geração demonstrou busca por compreender as especificidades das demandas do período em que estes profissionais atuaram. Um exemplo disto foi a maneira como Cláudio Galvão explicou os motivos para a grade curricular ser mais restrita naquele período:

A Faculdade de Filosofia tinha um curso de História, esse curso de História, se você for comparar o currículo desse curso com o currículo de hoje, você vai achar que era uma brincadeira, por conta da diferença no número de disciplinas oferecidas hoje e o que eram oferecidas naquele tempo. Realmente, era uma coisa muito precária para iniciar, entretanto, era assim que muitas, quase todas, faculdades de filosofia do Brasil funcionavam assim. Tanto que a nossa Faculdade praticamente imitou, seguiu o modelo de outras faculdades do sul ou de Pernambuco, Rio de Janeiro, mais ou menos aquilo. Algumas inovações estavam sendo feitas na USP naquela fase dos professores da França, que produziram muitas novidades (GALVÃO, 2018, p. 3).

A grade curricular foi estruturada pelos professores precursores, e se limitar a compará-las com a variedade de disciplinas do Curso de História da UFRN no momento presente da entrevista, 2018, poderia transmitir uma imagem negativa do trabalho feito pelos professores da primeira geração. Para evitar isso, Galvão foi além desta descrição, ao citar as dificuldades enfrentadas nos anos iniciais, como a falta de referências de currículos mais completos em outras universidades Brasil afora. Além disso, o entrevistado enfatizou a busca dos precursores por aprender o que havia de mais inovador no ensino superior de História no país naquele momento.

As exigências para integrar o corpo docente da instituição de ensino superior no período em que Cláudio Galvão foi aluno e que foi professor de lá eram muito diferentes das demandas do tempo presente da entrevista, em 2018. A falta de formação específica em História de alguns professores da primeira geração foi, em outras entrevistas,¹⁰ apresentada como causa para o ensino do Curso ter sido “tradicional” em suas primeiras décadas. Isto, e a ausência da necessidade de passar por um concurso público para ser professor na

¹⁰ Analisadas em (NOBRE, 2022).

universidade,¹¹ poderiam ter causado estranheza na comunidade universitária que teria acesso às memórias presentes nas entrevistas. Porém, antes mesmo que os entrevistadores trouxessem este tema para a conversa, Cláudio Galvão se adiantou para explicar as circunstâncias desta situação:

A Faculdade de Filosofia pagava por aula e pagava muito pouco, não era como hoje: tempo integrado, educação exclusiva, não tinha nada disso, ganhava por aula, faltou cortava o ponto [risadas], deu aula ganhava por isso e isso no fim do mês era, não rendia um montante que pudesse “ahh” [gesticulando com as mãos] não era. Então, por isso ninguém, muito pouca gente se interessava por isso (GALVÃO, 2018, p. 4).

Galvão destacou as dificuldades enfrentadas por aqueles que foram seus professores e seus colegas de trabalho, dificuldades que ele próprio enfrentou, nos primeiros anos após a fundação do espaço de ensino, que ainda pertencia à FAFIN, antes da federalização, em 1968. Diante da falta de recursos e do baixo valor do pagamento dos professores, a oferta de trabalho no ensino de nível superior era maior do que a procura. Cláudio Galvão citou estes desafios e, logo em seguida, estabeleceu uma comparação com as condições de trabalho dos professores universitários federais no momento da entrevista, em 2018: “tempo integrado, educação exclusiva”, provavelmente se referindo às condições salariais que possibilitam o exercício da docência universitária em tempo integral e ao estímulo maior para a formação continuada.

Se os professores do Curso das décadas de 1950 e 1960 enfrentaram maiores dificuldades e tiveram menos oportunidades de se aperfeiçoarem do que aqueles atuantes no tempo presente da entrevista, comparações de qualidade do ensino promovido no espaço de formação docente nos dois momentos não seriam justas. Esta foi a ideia que Galvão transmitiu ao escolher citar estes aspectos, enquanto produziu uma representação do Curso do passado. Este olhar mais atento para as circunstâncias que influenciaram no ensino dos precursores, notado nas palavras dos entrevistados da segunda geração, pode ter relação com a proximidade entre ambos os grupos, que tiveram vivências comuns e isto pode ter colaborado no estabelecimento de uma identidade compartilhada. No caso específico de Cláudio Galvão, esta proximidade era ainda maior, pois foi um professor da primeira geração que deu a ele a oportunidade para atuar na docência superior. Ele narrou esta entrada da seguinte maneira:

A antiga disciplina de História Antiga e Medieval se transformou em Introdução ao Estudo da História, História Antiga e História Medieval. Eu já

¹¹ O concurso público só passou a ser o único meio de ingresso na docência na UFRN a partir do decreto de 1987 (Ministério da Educação, 1987). Antes disso, havia outras maneiras, como entrevista e indicação.

estava no trabalho de ensinar a algum tempo, e soube dessa alteração, dessa novidade, e fui lá falar com o professor João Wilson [Melo] que era o professor mais antigo, que tinha sido meu professor, e perguntei a ele como é que se fazia para entrar no Departamento de História, para ser um dos professores dali do Departamento de História. Aí, ele perguntou: “você está interessado?” “Estou sim!” [respondi]. [...] Ele disse: “falei com o professor Hélio Galvão, vou indicar seu nome para ser professor de História.” Ele [João Wilson] tinha sido meu professor, e tinha acompanhado meu trabalho, então ele me indicou porque ele tinha alguma esperança que eu pudesse estar certo [risadas] (GALVÃO, 2018, p. 4).

Seu ingresso nos quadros do Curso de História, em 1963, se deu por meio de indicação do professor precursor João Wilson Melo, para lecionar História Medieval, após o desmembramento da cátedra de História da Antiguidade e Idade Média, da qual o próprio João Wilson Melo tinha sido titular. Isto ocorreu apenas sete anos após a fundação do Curso, num período em que ainda estava em processo de estruturação, ainda num período em que o ensino superior no Rio Grande do Norte não era parte da Universidade Federal. Este contexto vivenciado pelos professores da segunda geração pode ter os aproximado dos professores precursores, e ainda mais no caso de Cláudio Galvão, que recebeu de João Wilson Melo a confiança necessária para ocupar a própria cátedra que outrora fora do professor da primeira geração.

Uma contribuição teórica de Lefebvre (2013) foi tornar mais abrangente a operacionalização do conceito de trabalho. Ele ultrapassou a perspectiva material/física e adentrou no domínio do simbólico, dessa forma, aspectos culturais e da linguagem puderam ser considerados produtos do trabalho. Desse modo, é possível afirmar que, quando professores aposentados tiveram suas narrativas orais registradas por meio de entrevistas, eles também exerceram um trabalho, através da representação do espaço do Curso. No caso dos docentes deste Curso de História da FAFIN/FFCL, eles produziram representações através da narrativa oral que estabeleceram ao contar suas recordações do período em que foram alunos e/ou professores da instituição.

As Entrevistas

Considerando a data do decreto fundador da FAFIN, 1956, como marco inicial do Curso de História, foi celebrado em 2006 os seus 50 anos, com um evento e com a produção do DVD *50 anos de História*¹². Nesta ocasião, os alunos da disciplina de História Oral foram orientados a entrevistar professores aposentados e ativos, que tivessem integrado o corpo

¹² As entrevistas estão disponíveis no DVD *50 Anos de História*. Este documento está arquivado no repositório digital do Laboratório de Imagem da UFRN (LABIM-UFRN). O DVD completo está no acervo da Divisão de Documentação do Departamento de História da UFRN.

docente à vinte anos ou mais, e os resultados das entrevistas foram transcritos e arquivados em texto digital, salvo no DVD¹³. Estes registros podem ser considerados fontes orais, pois, de acordo com Alessandro Portelli, a fonte oral se define por ter como características a produção por meio de relações múltiplas, como a dos pesquisadores entrevistadores com os entrevistados, do momento contemporâneo a entrevista com o passado recordado, e da memória individual e privada da vida do entrevistado com a memória coletiva do grupo ao qual ele pertence (PORTELLI, 2016, p. 12). Ou seja, as respostas dadas sofreram a influência das perguntas feitas e as demandas que as nortearam. Estes aspectos foram observáveis nas entrevistas analisadas.

Sobre o processo de produção de fontes orais por entrevistas, ou, em suas palavras, por “perguntas exploratórias”, Ecléa Bosi afirmou:

Uma pergunta traz em seu bojo a gênese da interpretação final [...] Se a memória é, não passividade, mas *forma organizadora*, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo e intelectual da sua experiência e da experiência do seu grupo (BOSI, 1993, p. 283).

Ou seja, quando um entrevistador, nesse caso os graduandos orientados pelos professores de História Oral, e estes, pelas demandas institucionais, faz certa pergunta ao professor entrevistado, ele já antevê uma resposta. Um exemplo disto foi a frequente pergunta sobre as diferenças entre o ensino superior de História na época que os docentes estavam em atividade e no tempo presente da entrevista. Esta questão já pressupôs que ocorreram mudanças, e estimulou comparações entre os dois tempos. Porém, escapando aos direcionamentos das questões feitas, foi possível notar um “mapa afetivo e intelectual” constituído pelos professores ao levar as conversas nas direções que queriam, mesmo quando fossem diferentes das perguntas feitas. Até quando outros aspectos estavam sendo questionados, os recordadores, mais cedo ou mais tarde, de modo geral, colocaram em pauta as práticas de seus professores, os precursores, seja para justificar, seja para comparar com as próprias práticas. Identificar os traços deste mapa permite compreender a experiência do grupo dos professores aposentados de representar o Curso pela rememoração.

As entrevistas de 2006 ocorreram a partir da iniciativa institucional do Departamento de História da UFRN para salvaguarda da memória do curso e de seu patrimônio humano, nas comemorações dos seus 50 anos. Foram momentos de celebrar a trajetória deste espaço

¹³ “Trabalho referente à II Unidade da Disciplina História Oral, ministrada pela Professora Dr^a. Maria da Conceição Fraga, no Curso de História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período letivo 2006.1” (MEDEIROS, 2006b, p. 2).

universitário, mas também de tentativa de construir uma memória institucional. Isto ficou nítido no texto “Protagonistas dos 50 anos”, a parte da apresentação do DVD 50 Anos de História¹⁴ sobre a produção das entrevistas. De acordo com o texto:

Para colaborar com a construção de fontes históricas sobre a Trajetória do Curso, dedicamos este, como tema central para os alunos da disciplina História Oral (2006.1), subdividindo o tema em vários outros subtemas [...] Todo esse material ficará à disposição do Núcleo de Estudos Históricos, Arqueológicos e de Documentação para utilização em outras disciplinas (Arquivística), bem como em pesquisas realizadas pelo Departamento de História/UFRN. (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006).

Deste modo, de acordo com o documento institucional, o objetivo do projeto das entrevistas foi construir fontes voltadas para a história do Curso ao longo de suas fases, para que estas servissem de material para análises historiográficas futuras. O registro destas fontes num dos principais arquivos do Departamento de História da UFRN naquele momento, o Núcleo de Estudos Históricos, Arqueológicos e de Documentação (NEHAD)¹⁵, foi mais uma evidência de que os envolvidos nas atividades que geraram o DVD tinham a intenção de que as representações do espaço de formação presentes neste documento digital fossem a base de uma representação oficial da trajetória do Curso. Portanto, a análise dos relatos presentes no DVD foi um caminho para a compreensão da representação a qual pretendiam consolidar.

As ações de salvaguarda da memória foram retomadas em 2018, quando ocorreram as comemorações dos 60 anos do Curso. De maneira similar a 2006, alunos da turma de História Oral de 2018 entrevistaram professores ativos e aposentados¹⁶. As perguntas feitas, tanto em 2006 quanto em 2018, de modo geral, foram similares, e incluíram aspectos como formação básica, formação superior, experiência profissional, participação em ações de pesquisa, extensão e movimentos políticos, comparações entre o Curso no período em que foram alunos, no período em que exerceram a docência e no momento presente da entrevista, e a experiência da aposentadoria.

Em 2018, a proposta também foi à nível institucional, do Departamento de História da UFRN, para a preservação tanto da trajetória do espaço de ensino superior de História como também do legado dos profissionais ligados a ele, como professores e técnicos administrativos. A circunstância motivadora deste projeto foi a efeméride dos seus 60 anos,

¹⁴ Este DVD foi o registro do resultado das atividades departamentais celebrativas dos 50 anos do curso. As entrevistas feitas nesta ocasião, assim como outros dados sobre aspectos do curso, foram transcritas em arquivos de texto digitais e salvos no DVD.

¹⁵ Atualmente este arquivo é chamado “Acervo da Divisão de Documentação do Departamento de História - UFRN”, onde o DVD 50 Anos de História ainda pode ser encontrado.

¹⁶ O professor Magno Santos lecionou esta disciplina no semestre em questão. As entrevistas estão arquivadas no acervo do Laboratório de História Oral (LABHO-UFRN).

portanto, a celebração da trajetória do espaço de ensino e a busca pela consolidação de uma representação institucional da trajetória do curso foram as principais demandas atendidas pela produção das entrevistas. Isto foi evidenciado a partir dos dizeres no relatório final da comissão responsável por celebrar os 60 anos:

Uma das preocupações dos integrantes da Comissão era contribuir para construção de instrumentos de pesquisa e ações de salvaguarda da memória do curso e reverter alguns problemas como a dispersão das fontes, a ausência de instrumentos de pesquisa e o esquecimento dos sujeitos. Eram problemas que revelavam as fragilidades das políticas institucionais de preservação da memória da UFRN e, em especial, do próprio Departamento de História. [...] Por meio das entrevistas, teve início uma ação voltada para a construção de memórias de docentes do departamento (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018, p. 5-7).

Diante destas circunstâncias, é possível compreender a orientação dada pelos entrevistadores, com perguntas que, além de adentrar nas vivências dos professores entrevistados, também visaram compor representações da configuração do espaço de ensino em períodos mais remotos. Os professores aposentados foram quase esquecidos pelas políticas institucionais, e suas participações no Curso estavam passando por um processo de gradual esquecimento. Estas entrevistas foram oportunidades para os entrevistados cristalizarem uma representação de si próprios na história institucional do Curso.

Foi possível notar a necessidade e a ênfase dos docentes em construir uma representação da própria atuação no ensino como associada a ideias que poderiam ser consideradas modernas e atualizadas no momento presente das entrevistas, como o ensino de uma história crítica e significativa, a superação das dificuldades iniciais, e a busca por ter uma postura docente flexível e aberta ao diálogo com os estudantes. Desse modo, a ocasião em que os registros memorialísticos foram feitos, nas comemorações de 50 e 60 anos do Curso, contribuiu nas opções narrativas dos entrevistados. Eles buscaram gravar na história institucional os desafios que eles e seus colegas enfrentaram e como os superaram, para evitar que seus esforços e contribuições para a trajetória do Curso caíssem no esquecimento. Desse modo, há ligação da ocasião em que os registros memorialísticos foram feitos, nas efemérides de 50 e 60 anos do Curso, e do momento político e social dos períodos rememorados (décadas de 1950 e 1960), com as opções narrativas dos entrevistados.

Considerações Finais

Nas entrevistas, João Wilson Melo, Alberto Medeiros e Cláudio Galvão, cada um à sua maneira, construíram representações do ensino no Curso de História da FAFIN/FFCL, e

das condições de trabalho nesta instituição. Os principais aspectos apontados por João Wilson Melo foram os próprios esforços para garantir que a formação de professores de História fosse crítica e significativa, como a busca de leituras sobre o que ele considerava a perspectiva teórica mais atualizada, a corrente francesa da Escola dos Annales.

Já Alberto Medeiros apresentou outra perspectiva, ao apontar o currículo restrito do curso, com uma quantidade de disciplinas considerada menor do que a ideal pelo professor, e sua própria busca por sanar esta limitação com pesquisas externas. Além disso, apresentou outros aspectos, como a rigidez e o conservadorismo político na sua formação como aluno do curso, mas também enfatizou como suas opções didáticas e políticas se afastaram deste perfil.

Cláudio Galvão também citou as limitações curriculares em sua graduação, mas apresentou como uma consequência da pouca quantidade de cursos superiores em História no país naquele momento, nos quais os professores de ensino superior do Rio Grande do Norte pudessem se basear no planejamento do currículo da FAFIN/FFCL. Além disso, registrou o desafio enfrentado por ele e seus colegas: a falta de recursos financeiros e os baixos salários, assim como a falta de possibilidade da dedicação exclusiva ao trabalho na faculdade em questão.

Os sujeitos históricos produziram o espaço institucional através da representação. Uma instituição não é construída apenas com tijolos e cimento, mas também pela linguagem e seus signos, manejadas por seus integrantes para produzir o espaço nas mentes de quem os ouve ou lê. E historiadores, acostumados como são a criar e recriar imagens de tempos idos pelo ensino e pesquisa da História, sabem como poucos como elaborar um espaço articulando símbolos. Este é o caso dos atores-autores da memória institucional do Curso em questão: os professores.

Todo ato de trabalho, pode ser a produção de um espaço. E foi isto que os professores fizeram: articularam suas recordações, suas concepções sobre o ensino e as habilidades desenvolvidas na operação historiográfica em anos de carreira para criar o espaço do Curso de História da UFRN, registrado em meios institucionais: o DVD e o acervo do Laboratório de História Oral (LABHO-UFRN). A relação entre o sujeito produtor e o espaço produzido é dialética, deste modo, os atores construíram o cenário, mas o cenário também os construiu. nas entrevistas, os alunos entrevistadores, com as orientações por eles recebidas na disciplina de História Oral, também colaboraram no resultado final dos depoimentos. Não foi feita apenas a representação do curso, mas também de seus professores.

Fontes Orais

GALVÃO, Cláudio Augusto Pinto. [Entrevista concedida a] Diorge Trindade, Felipe Rodrigues e Samara Dávalos. Natal, 2018. [Entrevista arquivada pelo Laboratório de História Oral – UFRN].

MEDEIROS, Alberto Pinheiros de. [Entrevista concedida a] Vitor Assunção, Miguel Pereira Neto e Renato Brandão. Natal, 2006a. [Entrevista transcrita e registrada no DVD 50 Anos de História].

MEDEIROS, Alberto Pinheiros de. [Entrevista concedida a] Eduardo Bezerra de Oliveira Junior, Jadson Lucas Pinheiro de Carvalho e Josivan Tomaz da Silva. Natal, 2006b. [Entrevista transcrita e registrada no DVD 50 Anos de História].

MELO, João Wilson Mendes. [Entrevista concedida a] Vital Nogueira de Souza. Natal, 2006. [Entrevista transcrita e registrada no DVD 50 Anos de História].

UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. **DVD 50 Anos de História**. Natal: 2006. 1 CD-ROM.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Letras, Ciências Humanas e Artes. Departamento de História. Comissão de Coordenação das Atividades dos 60 anos do Curso de História. **Relatório Final das Atividades Desenvolvidas 2016-2018**. Natal, 2018.

Demais fontes

ATA de sessão solene da instalação da Faculdade de Filosofia de Natal, 1956.

BRASIL. Artigo nº 149. [Constituição de 1934]. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Resolução nº 67/87 – CONSAD**. Natal, 1987a. Disponível em: <https://sigrh.ufrn.br/sigrh/public/coligiados/filtro_busca.jsf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. A Pesquisa em Memória Social. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 277-284, 1993.

FERREIRA, Marieta; PINTO, Surama Conde Sá. **A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 26f.

GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996a.

GOMES, Ângela de Castro. Política: História, Ciência, Cultura etc. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 59-84, 1996b.

GONTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim (1868-1932) e o Brasil na História**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **La production del espacio**. Tradução de Emilio Martínez. [s.l.]: Capitán Swing Libros, 2013.

LIMA, Maria Helena Oliveira. **Uma História do curso de História em Natal: 1957 – 1968**. Monografia (Bacharelado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2002.

LIMA, Nestor. Síntese do nosso Movimento Pedagógico - conferência inaugural da Associação de Professores. **Revista Pedagógium**, Natal, n. 1, p. 9-25, 1921.

LOURENÇO FILHO, Manoel. **A pedagogia de Rui Barbosa**. 4. ed. Brasília: INEP, 2001.

MEDEIROS, Alberto Pinheiro de. O curso de História na UFRN: 30 anos de existência. **Revista História – UFRN 30 anos: 1957 – 1987**, Natal, v. 1, n. 1, 1987.

NOBRE, Clivya. Memória sobre os outros, memória sobre si: representações da prática docente no Curso de História da UFRN, pelo olhar da “Geração de 1976”. **Revista Latino-americana de História**, v.11, n.27, pp.92-111, 2022a. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/1217/386697>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REIS, Aaron. Américo Brasiliense e suas Lições de História Pátria (1876): concepções de ensino em um manual autorizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. **Saeculum - Revista de História**, João Pessoa, n. 29, p. 437-449, 2013.

SANTOS, Magno. “Scenas da História do Brazil”: Esmeralda Masson de Azevedo e a escrita de livros escolares de História para crianças. **Revista História Hoje**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 204-230, 2017.

SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? une histoire en chantier : l'histoire des intellectuels. **Vingtième Siècle - revue d'histoire**, Paris, n. 9, p. 97-108, jan.-mar. 1986.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-271.